

PRÁTICAS DA HISTÓRIA

JOURNAL ON THEORY, HISTORIOGRAPHY,
AND USES OF THE PAST

Nº 5 - 2017



Nota Editorial

José Ferreira, José Neves e Pedro Martins

Práticas da História, n.º 5 (2017): 7-11

www.praticasdahistoria.pt

Nota Editorial

José Ferreira, José Neves e Pedro Martins*

Na senda do que têm vindo a ser as principais linhas temáticas em torno das quais se tem desenvolvido este projeto, a *Práticas da História* 5 procura dialogar com um conjunto diversificado de formas de pensar, construir e representar a história. Os textos apresentados neste número colocam assim, lado a lado, temas menos explorados, como as representações do passado que encontramos diariamente nos ecrãs das nossas televisões e computadores, e a obra de autores “clássicos” no campo da teoria da história.

A secção de artigos inicia-se com um texto de Andrew Elliott, em que se argumenta que a possibilidade de “simulação” inerente aos videojogos significa que estes não só incorporam narrativas históricas pré-existentes como podem, também, configurar formas de estimular e questionar visões do tempo e do passado. Segue-se um artigo de Riccardo Facchini que, na sequência dos textos anteriormente publicados na revista sobre o tema do medievalismo, procura refletir sobre as representações do período medieval na série televisiva *Guerra dos Tronos*, relacionando a ideia de “realismo” e a vontade de superar uma visão romântica da Idade Média com a construção de um olhar pós-moderno sobre este período. O terceiro artigo, da autoria de Víctor Barros, analisa as conexões entre historiografia e políticas de memória na construção de uma história oficial da “descoberta” do arquipélago de Cabo Verde. A secção encerra com um texto de Maria João Cantinho sobre a obra de Walter Benjamin e a sua busca de uma conceção de história alternativa às teorias do progresso, marcada pela ideia de descontinuidade.

* ICS-UL, IHC-NOVA e IHC-NOVA.

Neste número publicamos ainda um ensaio de Sanjay Seth, no qual este historiador lança um olhar pós-colonial em torno dos recentes esforços da teoria política comparada para superar os limites do eurocentrismo vigente nas ciências sociais e humanas. Discutindo os méritos e limitações desses esforços, o ensaio de Seth participa de um debate mais amplo em torno da descolonização do conhecimento, tarefa que, na sua perspectiva, não se pode circunscrever à integração no cânone de quem dele veio sendo excluído, devendo igualmente questionar a universalidade dos pressupostos antropológicos em que tais ciências se têm vindo a fundar.

Na secção de entrevistas, excepcionalmente, publicamos duas conversas. A respeito do trabalho que tem vindo a desenvolver em torno das relações entre História e Filosofia, e muito em particular no modo como as duas tradições disciplinares se interrogam no trajeto de Michel Foucault, conversamos com Judith Revel. Esta entrevista, realizada por Elisa Lopes da Silva, traz luz sobre debates estruturantes do campo intelectual francês nas últimas décadas e convida à revalorização da questão da descontinuidade em história, ou da história como descontinuidade, e dos desafios a um tempo metodológicos e teóricos que tal levanta.

A *Práticas da História 5* debruça-se também sobre o trajeto singular de Yuri Slezkine, que, a partir de Berkeley, tem vindo a produzir uma das mais importantes obras sobre a história do comunismo soviético. Na conversa que com ele tivemos, conduzida por José Neves, discutimos os principais desenvolvimentos nesse campo de estudos, em particular no contexto académico anglo-saxónico, sinalizando aproximações e distâncias entre perspectivas revisionistas como as de Sheila Fitzpatrick e contributos como os de Stephen Kotkin ou do próprio Slezkine. A entrevista é ainda uma oportunidade para olharmos para a história de algumas práticas disciplinares das ciências sociais e humanas em contexto soviético, nomeadamente a antropologia, na sua relação com os processos de construção étnica e nacional.

Em continuidade temática, na secção de resenhas, Rui Lopes escreve sobre um recente volume colectivo em torno da representação e memória da Guerra Fria, *The Cold War. Historiography, Memory, Representation*, coordenado por Konrad H. Jarausch, Christian F. Ostermann e Andreas Etges.

Editorial Note

Keeping to the path we have been following, number 5 of *Práticas da História* seeks to engage with a variety of ways of thinking, of making history and of representing it. The papers assembled in this issue deal with underexplored topics related to depictions of the past that confront us on a daily basis on the screens of our laptops and televisions, alongside with analysis of the work of “classic” authors in the field.

The articles’ section opens with a paper by Andrew Elliott, in which the author argues that the possibility of “simulation” inherent to videogames means that these not only incorporate pre-existing historical narratives but can also conjure up new ways of inspiring and questioning such views of the past. Then, following up on other articles about medievalism published in our previous issues, Riccardo Facchini reflects on the representations of the medieval period in the TV series *Game of Thrones*, relating the notion of “realism” and the rejection of a romantic view of the Middle Ages with the development of a post-modern understanding of this era. The third article, by Vítor Barros, addresses the connections between historiography and the politics of memory in the construction of an official history of the “discovery” of the Cabo Verde archipelago. The section concludes with a paper by Maria João Cantinho on the work of Walter Benjamin and his quest for an alternative concept of history, which would replace the theories of progress with a notion of discontinuity.

The issue also includes an essay by the historian Sanjay Seth, presenting a post-colonial critique of the recent efforts in the field of Comparative Political Theory to question the Eurocentric limits of human and social sciences. While discussing the merits and limitations of these efforts, Seth’s essay takes part in a broader debate about the decolonization of knowledge, a task that, in his view, cannot be restricted to the integration in the canon of those that have until now been excluded, but must also problematize the universality of the anthropological conventions in which these sciences have been founded.

Exceptionally, this issue includes two interviews. The first, with Judith Revel, addresses her work on the links between History and

Philosophy and, particularly, on the ways in which these disciplinary traditions are articulated in the trajectory of Michel Foucault. The conversation, conducted by Elisa Lopes da Silva, sheds light on some of the structural debates of the French intellectual field in the last few decades and invites us to reevaluate the question of discontinuity in history, or of history as discontinuity, and the methodological and theoretical challenges that arise from such an approach.

Moreover, *Práticas da History* 5 takes a closer look at the singular path of Yuri Slezkine, who, in Berkeley, has produced some of the most thought-provoking works on the history of Soviet communism. In an interview conducted by José Neves, we discuss developments in this field, particularly in the Anglo-Saxon academic world, and the main topics of convergence and divergence between the perspectives of “revisionist” historians, such as Sheila Fitzpatrick, and the contributions of Stephen Kotkin and of Slezkine himself. This conversation was also an opportunity to examine the history of some of the disciplinary practices of the human and social sciences in the Soviet context, namely those of anthropology and its connection with the process of ethnic and national construction.

Finally, in the reviews section, Rui Lopes writes about a recent edited volume, *The Cold War. Historiography, Memory, Representation*, edited by Konrad H. Jarausch, Christian F. Ostermann and Andreas Etges.